

## O ESTUDO DOS GÊNEROS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Letícia Rodrigues da Silva (UEMA)<sup>1</sup>  
*leticia.silva.lr@gmail.com*

Maria José Nelo (UEMA)<sup>2</sup>  
*mariano@uol.com.br*

**RESUMO:** Os aportes teóricos sobre texto, retextualização e gêneros textuais constituem as discussões elementares deste estudo, em cujas bases aqui apresentadas se inter cruzam a construção teórico-metodológica nas práticas de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Nessa perspectiva, o cerne dessa pesquisa refere-se à prática de leitura e de escrita no ensino-aprendizagem de alunos do curso Metodologias de ensino de línguas, oferecido pela UEMA, a partir de textos dos Classificados de jornal usados em sala de aula, os estudantes usaram os textos dos Classificados para motivação e alicerce de modalização textual e retextualização, bem como tratar de diferentes aspectos gramático-lexicais, considerando aspectos socioculturais e comunicativos, em que um mesmo conteúdo de leitura e escrita pode ser tratado por diferentes gêneros. Para efeito de legitimidade reporta-se nesse estudo aos autores D'Isolla, Marcushi, Koch e Elias, entre outros, afim de refletir sobre a temática abordada.

**Palavras-chave:** Retextualização. Gêneros textuais. Estudos linguísticos.

### 1 INTRODUÇÃO

Justifica-se este estudo o fato de os alunos, egressos do ensino médio ao entrarem na academia, deparem com inúmeras atividades de retextualização, especialmente, transformar a leitura de um artigo científico para um resumo ou resenha, ou seminário. Porém, poucos alunos tiveram contato com esses gêneros textuais durante a formação do ensino básico; embora tenham atividades motivadoras de produção textual, eles, os alunos, têm pouco discernimento sobre a temática de modalização de produção de atividades envolvendo a retextualização. Esse fato

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Maranhão.

<sup>2</sup> Professora do curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Maranhão.

reflete na execução de produção de textos acadêmicos científicos e na produção de retextualização na Universidade.

Para minimizar as lacunas de práticas de ensino de leitura, de produção de texto e modalização comunicativa na formação dos alunos de ensino básico e universitário, faz-se necessário que haja integralidade de atividades motivadoras, promovidas pelos docentes, capazes de aproximar dois mundos, geralmente tratados separadamente: o universo da sala de aula e a realidade exterior. Se essa ação é bem sucedida, os alunos podem entender aquilo que foi dito ou escrito, reconhecer o gênero textual, o modo de produção, a veiculação além de colaborar com outras informações na recepção de um texto. Essas etapas de integração de mundos corroboram com as habilidades de compreensão e reflexão para que os conhecimentos sejam efetivados.

Efetivamente, o processo de desenvolvimento dessas práticas requer competência do docente para incentivar as habilidades dos alunos conhecer e reconhecer as exigências sublimares de cada prática social. Por isso, é necessário incentivo e contato frequente com os mais diversos gêneros textuais; e de ter ciência dos meios de veiculação textual no qual estão dispostos ou acessíveis ao leitor. Mediante a isso, é fundamental incentivo à leitura e à escrita – juntamente com o exercício da retextualização – tal como preconiza a implementação na prática docente, em virtude de desenvolver habilidades e competências estabelecidas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC) em prol de uma progressão do senso crítico e social dos discentes.

Com base em atividades realizadas no curso de extensão da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, destaca-se uma atividade que possibilitou aos alunos-participantes compreender que um texto não é uma criação puramente individual; mas soma resultante de um processo de elaboração que contou com a participação de diferentes agentes: primeiro a leitura da crônica intitulada “Classificados através da história”, de Luís Fernando Veríssimo, em seguida exposição oral dos alunos acerca do conteúdo da crônica; segundo, a disponibilização do caderno de Classificados em jornais impressos, para que os alunos lessem e construíssem a retextualização, é pertinente ressaltar que 95% dos alunos participante do curso relataram que nunca leram um caderno de Classificados de

jornal, de posse de tal dado da não leitura, foi sugerido que os alunos considerassem como motivação o contexto social, os espaços que circulam e aspectos do cotidiano de sua cidade, costumes locais, alimentos ou comportamentos.

Este estudo pretende ser uma contribuição para incentivo à leitura e à escrita autoral dos alunos, ou seja, do texto a retextualização. Para tanto, apresentam-se as perspectivas teóricas na qual se baseiam em dois momentos: 1) uma reflexão teórica sobre a Linguística Textual, Texto e Retextualização como estratégias práticas para o ensino-aprendizagem; 2) outra, análise das produções realizadas pelos alunos do curso de extensão da Instituição de Ensino Superior, além das discussões acerca do tema correlacionando com a apreensão de habilidades para ler e escrever em diferentes contexto social torna-se relevante correlacionar com os modelos de contextos individuais dos alunos.

De início, cabe fazer o seguinte esclarecimento, as concepções de leitura e escrita estão implicadas nos entendimentos teóricos da Linguística Textual e gênero textual demarcados pela produção de retextualização no ensino-aprendizagem.

## 2 LINGUÍSTICA TEXTUAL E TEXTO

O advento da Linguística Textual, doravante LT, surgiu em 1960, na Alemanha, tendo por perspectiva a complexidade da unidade do texto, acrescentava-se unidade frasal não dava conta de explicitar o ensino e aprendizagem de uma língua. Não obstante, Marcuschi (2012, p. 16) conceitua o texto como “unidade linguística superior à frase” e, que o ensino pautado na gramática frasal necessita ser revista na prática de ensino. Assim sendo, no início, a LT preocupava-se em “descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou sequências de enunciados, alguns deles inclusive, semelhantes aos que já haviam sido estudados no nível da frase” (KOCH, 2004, p.7).

Mediante a isso, Koch (2004, p.11) salienta:

A Linguística Textual toma, pois como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das

frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é sim, de ordem qualitativa.

Os avanços significativos que aconteceu com a Linguística Textual vieram salientar a importância do estudo do texto tanto em língua materna como em estrangeira, trouxe, assim, novos focos de investigações para essa área dos estudos linguísticos. O texto passa a ser visto como uma unidade de sentido produzido pelos falantes em uma situação de comunicação real.

Nesse sentido, reafirma-se que um indivíduo se comunica por meio de texto, por conseguinte um indivíduo não produz algo novo quando utiliza ou a fala ou a escrita, pelo contrário, utiliza-se de um discurso de outro alguém para executar seu texto, falado ou escrito. No ato da produção do seu discurso, o indivíduo aciona ideologias, crenças, perspectivas que compõem o seu contexto sociocultural.

Implica afirmar que um texto não é uma criação puramente individual compreende fatores instaurados pela Linguística Textual, ou seja, “é a descrição da correlação entre a produção, a constituição e a recepção de textos” (MARCUSHI, 2012, p. 26). Compreende-se, assim, os aspectos constitutivos do modo como ocorre a produção do texto, tendo como base sua coordenação de composição e como acontece a recepção por parte do outro.

Apesar da liberdade da produção de um texto, em alguma medida, o autor reflete a sua ideologia e formação discursiva dos fatos. De acordo com Coseriu (1980, pp. 24-33 *apud* MARCUSHI, 2012, p. 32) há três formas de se fazer LT: 1) o objeto, aqui, seria textos em sua forma autônoma da linguagem. O texto, nessa primeira forma, seria uma categoria universal, logo, precisaria de regras gerais para uma competência ampla; 2) uma linguística textual que observa o texto com uma estruturação específica para cada língua; 3) toda linguística é uma LT, em virtude das manifestações linguísticas serem realizadas por textos.

Ainda seguindo o pensamento de Marcushi (2012, p. 33), o autor propõe

que se veja a LT, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais [...]. Em suma a LT trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas.

Diante do exposto, entende-se que o texto é o espaço de concretização do discurso da LT. Trata-se sempre de uma manifestação individual, do modo como um sujeito escolhe organizar os elementos de expressão textual oral ou escrito, em virtude do espaço comunicativo em que este é produzido.

Sobre a definição do texto, Halliday e Hasan (1989, p. 52 *apud* Antunes, 2010) entendem que o texto como “linguagem que é funcional. Por linguagem funcional, queremos referir aquela linguagem que cumpre alguma função em algum contexto”. Logo, muito mais que uma reunião de frases, o texto é entendido com um conjunto de acessórios para que se efetive a compreensão e a produção desses, exigindo a competência textual dos falantes que possibilita a distinção de um aglomerado de palavras de um texto com sentido. Essa capacidade específica permite que o indivíduo possa parafrasear, resumir, analisar, atribuir títulos e, até mesmo, produzir um texto.

Dessa forma, enfatiza-se as contribuições de pesquisador, conforme Van Dijk (1978 e 1977 *apud* MARCUSHI, 2012, p. 27) o texto “é uma estrutura superficial governada por uma estrutura semântica profunda motivada”, ou seja, “um conjunto ordenado de sentenças da estrutura profunda”. Van Dijk utiliza-se das concepções básicas da gramática gerativa para explicar como ocorre a geração de sentido e estruturas textuais, a saber: estrutura profunda são pensamentos, conceitos que são origem e função da linguagem; e estrutura profunda que nada mais é aquilo que foi falado, escrito. Para o teórico, é através dos textos que nos comunicamos e não por sentenças.

Corroborando com a concepção do texto Mel’Cuk (1997 *apud* Dell’Isola, p. 29, 2005), para esse estudioso o texto é “qualquer segmento de fala (ou escrita) de um evento comunicativo, seja um pequeno trecho ou um grande romance”. Tal proposição ratifica o texto como expressão verbal de uma atividade sociocomunicativa.

Do ponto de vista teórico ao ponto de vista da elaboração de atividades didáticas de um gênero textual anúncio veiculado no caderno de jornal, entendendo esse texto não como produto inacabado, mas sim, como um processo de planejamento, verbalização e construção de estratégias para incentivar a leitura e a escrita em sala de aula.

## 2.1 Retextualização do gênero textual classificados

Se a dimensão das convenções de textos tem uma amplitude passível de ser demarcada, qualquer fato que o leitor conheça pode ser representativo na leitura e refacção de um texto. Esse entendimento promoveu debates sobre outras formas de trabalhar o texto em sala de aula, ou seja, uso de aspectos da intencionalidade de os alunos produzirem um novo texto a partir de classificados, ou seja, a retextualização. Sabe-se que esse processo retextualizar está presente no dia a dia dos alunos, por exemplo: anotar conteúdos de aulas, montar esquemas para uma possível apresentação de trabalho, listar pautas em reuniões para depois ser escrita em documento oficial, entre outras ações.

O ponto fundamental dessa discussão implica em modalização ou retextualização. Entende-se a retextualização como “refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem” (DELL’ISOLA, 2007, p. 36). Diferente de reescrita, na qual Matencio (2002, p. 113) afirma que “é atividade na qual, através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto”. Ou seja, a retextualização é divergente da reescrita, pois essa primeira consiste na passagem de uma modalidade textual para outra, enquanto a segunda atua-se sobre um mesmo texto.

Reitera-se ainda uma concepção sobre a textualização, na qual Matencio (2003, p. 3) explica que “textualizar é agenciar recursos linguageiros e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas” e retextualização é a produção de um novo texto por meio de um texto-base e outros textos.

Diante disso, Marcushi (2001 *apud* Dell’Isola, 2007), elenca quatro possíveis casos de retextualização: 1) da fala para a escrita; 2) da fala para a fala; 3) da escrita para a escrita; 4) da escrita para a oralidade. Ainda baseando-se pelas concepções do autor, essas atividades de retextualização não são estanques, concretas, mas maleáveis suscetíveis a mudanças.

Admite-se neste estudo a divisão, ora reportada, isto é, não se deve limitar apenas a uma modalização de prática textual, mas de compreender que o processo referencial de atividade matem relação direta entre a realização modalizada por essas

quatro divisões no âmbito escolar, e que o aluno correlacione de forma ativa suas produções textuais com as situações na qual fazem em todas as ações comunicativas. Pois, segundo Marcushi (2002 *apud* Dell'Isola, 2007), ao repetimos a fala do outro estamos modificando o discurso utilizando nossas palavras.

No que se refere aos gêneros textuais, pesquisas apontam suas funcionalidades visando às necessidades e os propósitos comunicativos do falante. Assim preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20).

Por conseguinte, depreende-se que as práticas comunicativas de linguagens atuais resultam de práticas antigas que se atualizam em novos gêneros textuais e esses são produzidos de acordo com a necessidade dos falantes. É pela ação da linguagem que os indivíduos agem no mundo e, a linguagem age no sujeito, criando signos e sentidos durante o processo de interação. Tal como norteia a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que está embasada nessa concepção de linguagem.

Os gêneros textuais, portanto, contêm dados elementares de outros genes de conhecimentos específicos de um saber textual e outros saberes, circunstâncias capazes de se adequarem às necessidades típicas de cada situação de produção comunicativa. Dessa concepção foi sugerido aos alunos a realização de transformar um texto em outro, sem caracterizá-lo como reescrita, e sim como retextualização, para que os usuários da língua compreendessem diferentes um funcionalidades de um texto-base, mantendo aspectos elementares em outros locais de uso. Pode-se afirmar, portanto, que os gêneros textuais, entendidos aqui como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e em domínios discursivos específicos” (DELL'ISOLA, 2007, p. 17), estão associados a retextualização em virtude da mudança de modalidades e veiculação.

Nesse sentido, é pertinente explicitar a concepção de gêneros jornalísticos, ou seja, o que o estudioso desses gêneros circunstancialmente compreende o gênero jornal impresso, para Bonini (2003), de maneira ampla, considera como traços materiais que:

O gênero [...] pode ser visto como um conteúdo representacional dinâmico que corresponde a uma forma característica de um texto, entendido como enunciado pleno (texto-simples que tem um enunciador/locutor único ou texto-complexo com um enunciador/locutor principal) e como enunciado recorte (conjunto de textos de enunciadores/locutores individuais, integrados na forma de texto-ritual), se caracterizando pelas marcas estruturais textolinguísticas, de suporte, de circunstâncias enunciativas, funcionais em relação ao meio social (conteúdo, propósitos, etc.), funcionais em relação ao hipergênero (de abertura, de *feedback*, de encerramento, etc.). (BONINI, 2003, p.210)

Se para Bonini os gêneros do jornal impresso relacionam ocorrências empíricas delineados por meio linguísticos, esses gêneros subsidiam o ensino-aprendizagem tanto de língua portuguesa e fortalecem os gêneros jornalísticos. Para Marcushi (2010, p. 20) tais gêneros “surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem”, caracterizando-se por “suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais, do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”.

Para efeito deste artigo, delimita-se essencialmente ao gênero Classificados, tendo em vista a escassez de estudos, fontes bibliográficas, referências sobre esse gênero. Nas pesquisas realizadas pelas autoras, há apenas menções em artigos relacionados a área de comunicação social, por exemplo, de Adair Bonini (2003). Assim sendo, é pertinente destacar como Costa (2009) define, no *Dicionário de gêneros textuais*, Classificados.

[...] anúncio, geralmente de pequeno formato e sem ilustração, com mensagem de compra, venda ou aluguel, oferta ou procura de empregos ou serviços profissionais, etc. As mensagens são expressas em linguagem curta e objetiva, estilo telegráfico e abreviado (mas sem excesso), fonte pequena, pois o espaço publicitário é pago pelo número de linhas usado e fica muito caro, conforme a penetração do suporte (jornal, revista...) em que os classificados circulam (COSTA, 2009, p. 70).

As definições de classificados e de anúncio apresentam similaridades, porém não se trata de um mesmo gênero, e para compreensão, Costa (2009) define que o anúncio como sendo,

notícia ou aviso por meio do qual se divulga algo ao público, ou seja, a criação de alguma mensagem de propaganda com objetivos comerciais, institucionais, políticos, culturais, religiosos, etc. Como publicidade, trata-se de uma mensagem que procura transmitir ao público, por meio de recursos técnicos, multissemióticos e através dos veículos de comunicação, as

qualidades e os eventuais benefícios de determinada marca, produto, serviço ou instituição (COSTA, 2009, p. 32).

Os dois gêneros possuem suas similaridades, contudo apresentam diferenças, pois o *anúncio* tem a função de divulgar um produto, uma marca, uma empresa ou até mesmo uma campanha de vacinação, cuja finalidade é tornar público algo para conhecimento do leitor. Já os *classificados* propõem um informe a fim de obter um retorno, seja para algum tipo de venda, ou informe. Nessa perspectiva, ao utilizar o gênero Classificados, já demarca-se, desde então o gênero ao qual se situa a construção deste estudo.

### 3 PERSPECTIVA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM E RETEXTUALIZAÇÃO

Dos aportes teóricos à prática, ao compreender os gêneros textuais como organizações relativamente estáveis por uma temática, uma forma composicional e um estilo ou por saberes acontecidos, tornou-se imprescindível promover situações de atividades utilitárias no ensino-aprendizagem de ler e escrever seguindo as categorias de retextualização, tendo por texto-base Classificados de jornal impresso (JORNAL, local, data).

Assim, foi sugerido aos alunos do curso de extensão Metodologia para o ensino de línguas, ofertado pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, que trouxessem jornais impressos contendo o caderno Classificados, para aula da semana seguinte.

Ao iniciar a aula, os alunos responderam a uma enquete que consistiam “você ler classificados de jornal para que?” – 95% dos alunos responderam que nunca leram um caderno de classificados. O passo seguinte foi a realização leitura aleatória dos alunos participante. Como os interesses do gestor da sala de aula não fora alcançados, fez-se necessário apresentar a organização dos conteúdos do caderno, ou seja, os campos temáticos.

**1 imóveis**   **2 veículos**   **3 empregos**   **4 informática**   **5 oportunidade**

**1 Imóveis**

**APARTAMENTO ALUGAR**

**PERMUTA-SE**

**CALHAU**

**COHAMA**

**COHJAP**

**PONTA D'AREIA**

**RENASÇENÇA II**

**RENASÇENÇA P' D'AREIA**

**SAO FRANCISCO**

**SAO FRANCISCO**

**ESTRADA DE PIRAMAR**

**CASA ALUGAR**

**COHAGERMA**

**CASA VENDER**

**ANIL**

**JOÃO PAULO**

**CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE PESSOAS NATURAS**

Fonte: Classificados – Jornal Imparcial

Segundo passo, os alunos deveriam identificar o tipo e extensão de tamanho dos textos, a linguagem usada em cada enquadramento textual, além das frases curtas, deveriam observar o modo como são realizadas as construções semânticas, além das abreviações utilizadas naqueles textos.

Após leitura e anotações de outros detalhes, os alunos discutiram o que observaram, ou seja, os classificados dos jornais têm características específicas, pois, em alguns, o gênero estudado estava espalhado pelos espaços inferiores das folhas do jornal; em outros, encontram-se organizados por seção específica, determinados por categorias, como imóveis, automóveis, vagas de emprego, entre outros serviços.

Após esse momento de reconhecimento do gênero e debates, foram disponibilizadas cópias para leitura dos alunos, de uma crônica de Luís Fernando Veríssimo, intitulada *Classificados através da história* (in: *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 143-145). O autor aborda, de modo cômico, elementos que fizeram parte da história de grandes personagens que compuseram o cenário da literatura, artes plásticas e cinema.

Identificados todos esses elementos, foi solicitado aos alunos que escrevessem, com base no conhecimento individual aspectos de sua região, textos de Classificados, levando em conta as características do texto-base, para que praticassem o processo de retextualização.

Em síntese, a modalização textual inicial foi: 1) da escrita para a fala – Classificados impressos e participação dos alunos; 2) da fala para a fala – da orientação do gestor de sala aula e da participação dos alunos; 3) da escrita para a

escrita – dos classificados para a produção dos alunos; 4) da escrita para a oralidade – dos resultados para apresentação em sala de aula.

Para confirmação das atividades realizadas, a título de exemplificação, apresentação uma amostras das produções dos alunos, os quais deram ênfases ao uso de verbos de 2ª e 1ª conjugação: vend+ER, d+AR, uso de expressões genéricas, por exemplo, “a observar o movimento, o palpite vem de graça; casa bem localizada, na fronteira; pessoal treinado e especializado”. O uso dessas expressões implica vagueza de informação, mas ao leitor cabe a complementariedade de conhecimentos outros que preenchem as informações. Houve também uso de palavra que fazem parte do cotidiano maranhense, como: *marroca*, *caixa prego*, *brocado*, *aguardente*, são típicas do cotidiano maranhense para designar, respectivamente, uma pessoa que fala demais da vida de outros; um lugar longe; uma pessoa com fome e uma cachaça com alto teor de álcool típica do Maranhão.

VENDE-SE MAROCA: Todo final de tarde, nas ruas de SLZ, você encontra (pode ter certeza) senhoras de idade mediana, disposta a observar o movimento, o palpite vem de graça.
---

VENDE-SE CASA NA CAIXA PREGO: casa bem localizada, na fronteira. Com direito a ar-condicionado ao ar livre. R. Caixa-Prego, nº20, Maiobão.
--

Deu meio dia? Tá de barriga vazia? Ligue para Brocado! Pessoal treinado e especializado. Exp. Em pratos caseiros. Mas é só o prato mesmo. Tel: 3253-2015
--

VENDE-SE AGUARDENTE: leva para outro lugar, feita da mandioca. Servimos em dose dupla. Com caju e caranguejo. Trata com os vendedores do Mercado das Tulhas.
--

Mediante ao exposto, os alunos compreenderam a importância de ler e escrever com criatividade; e produziram o gênero proposto por Costa (2009), em que o autor elenca características quanto ao conteúdo estrutural do texto que visa vender um produto/objeto, procurado ou proposto para compra, aluguel. Entre outras características há detalhes do produto anunciado - em alguns - o preço e condições disponíveis, elementos essenciais do que estão sendo vendidos, o contato e/ou o endereço do local.

Abordar assuntos de cunho social para o desenvolvimento da leitura, da escrita e retextualização promovem interesses dos alunos, além do sucesso relevante para efetivação da atividade. Diante desses métodos que as autoras deste trabalho falarão sobre estratégia de ensino-aprendizagem que consiste em um conjunto de interações

comportamentais entre professor e aluno que ocorre não de maneira estática, mas em forma de processo, em especial, na retextualização.

É sabido que a aquisição da leitura e da escrita capacita o indivíduo de atuar na sociedade letrada, e é por meio desses elementos que se exerce a atividade social e cultural na interação com o outro. Todavia é necessário o domínio para desempenhar funções nessa interação dialógica da língua que ocorre a partir do momento em que o sujeito atua como construtor e se constrói tanto do social como do texto (KOCH, 2010).

A leitura e a escrita devem estar presente em todas as fases do indivíduo, portanto, o professor deve fazer uso de estratégias de ensino – aprendizagem em todas as etapas do ciclo escolar e acadêmico, pois para a efetivação do domínio tanto da leitura como da escrita, ocorre não uma única vez, mas sempre nessa interação, o que podemos de chamar de um letramento contínuo.

Por intermédio desse processo da leitura e da escrita o sujeito entra em contato com os gêneros textuais presentes no cotidiano em que está inserido, além de poder acionar seus conhecimentos prévios para realizar atividades de retextualização, conforme exemplo, citado. Entretanto, o professor como mediador desse conhecimento deve criar possibilidades para que essa prática seja efetivada.

Trabalhar a retextualização no processo de ensino-aprendizagem possibilita ao educando a permear entre o conhecimento e sua relação como pessoa, atuar na realidade, na inserção de sua vida concreta relacionando com suas produções de ensino.

É de suma importância trabalhar com as práticas de letramento e de gêneros no processo de retextualização, assim a atividade docente torna-se mais significativa para o aluno. Pois a retextualização permite o exercício usual de gêneros distintos e com características mutáveis que podem originar um novo texto. Além de que a retextualização é um exercício que exige do autor, uma competência para estabelecer recursos de coesão, coerência, utilizar as mais diversas estruturas sintáticas para reproduzir a ideia principal a partir de outro gênero.

Todos esses elementos citados devem ser trabalhados em conjunto com o professor e o aluno para que ocorra não só a apreensão das características do gênero

estudado, mas também sua função social exercida em diferentes contextos do usuário, conhecimentos da língua, gramática e produção de textos.

Em suma, utilizar a retextualização como estratégia de ensino-aprendizagem de gêneros textuais, possibilita também que o aluno compreenda o estudo da língua e aplicabilidade em diferentes ocasiões de uso, permeando todas as características e utilização no cotidiano desses gêneros, trabalhando a partir do contexto social do aluno, permite uma apreensão desses objetos de estudo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Linguística Textual abriu um leque de estudos sobre a teoria do texto, em que muitos autores propuseram a estudar seu objeto e possibilitou o desenvolvimento acerca do conhecimento do uso de texto em sala de aula. Antes, muito utilizado entre professores de língua materna, o estudo da língua pautado em frases isoladas ou trechos, passou-se a entender e dar relevância para o texto e a compreensão da situação social em que esse autor desenvolve a estrutura textual.

Mediante aos estudos sobre o texto que situou-se a retextualização – um exercício de transformar um gênero em outro, seja ele oral para o escrito ou escrito para o oral – como metodologia para ser aplicada nas aulas, pois norteia e oferece uma fixação tanto da leitura como da escrita.

A atividade de retextualização permite ao indivíduo não apenas que tenha a apreensão das características composicionais e estruturas do gênero que está sendo estudado, mas das construções sintáticas utilizadas para que componha a estrutura macro textual do objeto a ser estudado. Tais elementos quando correlacionados com o cotidiano no qual o indivíduo está inserido possibilita uma significação do conteúdo estudado e que, o que está sendo aprendido, possui relevância mediante as atividades de exercício da escrita que a sociedade letrada exige.

#### REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BONINI, Adair. **Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil?**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão/SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/13%20art%2011%20P.pdf>>. Acesso em: 27 março de 2020.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **O sentido das palavras na interação leitor texto**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

DIONISIO, Angela P.; MACHADO, Ana R.; BEZERRA, Maria A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. MARCUSHI, Luis Antônio. In: **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. São Paulo, Parábola Editoria, 2010.

KOCH, Ingedore. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCK, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MATENCIO, M. L. M. **Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.6, n.11, p. 109-122, 2º sem. 2002. Disponível em: <[http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas\\_Scripta/Scripta11/Conteudo/N11\\_Parte01art08.pdf](http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta11/Conteudo/N11_Parte01art08.pdf)>. Acesso em: 03 de março de 2020.

MATENCIO, M. L. M. **Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha**. Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN, março de 2003.